

Carta à Alejandra Pisarnik

Sônia Regina da Silva

S. Paulo, 1-II-23

Estimada Alejandra,

O seu fragmento de diário, escrito em 1958, detive-me, minuciosamente, a lê-lo. O trecho que mais me chamou a atenção foi quando você disse:

[...] me impulsiona, não só a continuar escrevendo [...], mas a escrever mais poemas e mais prosas. Deveria começar meu romance. Mas me assusta minha imperícia literária. Só que como adquiri-la se não começo? E preciso recuperar minha infância, urge detê-la, desenterrá-la de seu pântano de medos. Mas pensando bem, eu tive uma infância? Não, acho que não. Não tenho uma só lembrança dela que me permita a mais mínima nostalgia. Não tenho nenhuma lembrança boa do meu tempo de criança.¹

Hoje é sábado. Aproveitei para ler os seus diários, principalmente, este trecho no qual você aborda o seu pavor sobre a sua imperícia literária, que para mim não deixa de ser, naturalmente, a função da escrita na nossa vida. Sabe, aquele escrever sobre tudo o que está ao nosso redor?! Pois bem, digo a você para não ter medo! E levar em consideração o seu questionamento sobre como adquiri-la (a imperícia literária) se não começar. E, deste modo, tomei a liberdade para lhe escrever sobre a minha infância, que é uma forma que tenho de resgatá-la, prazerosamente, por meio da literatura.

Confesso a você que estou, sim, sem muita intimidade com o papel e as palavras, mas tento superar isso tudo. Logo, passo horas a pensar em como narrar uma, talvez duas das inúmeras lembranças de minha infância que me possibilita reviver momentos nostálgicos. Pois, lhe digo que essas horas correm, alucinadamente, como um vento forte que sopra com grande ímpeto assustador. E, assim, por fim, tomei coragem de imediato para começar. Prometo não me estender muito.

¹ Alejandra Pisarnik, *Diários*. Tradução de Paloma Vidal.



Uma das maiores saudades daqueles doces momentos da minha infância, posso lhe dizer que foram instantes que mais convivi com o meu saudoso e querido pai, cúmplice a todo momento das minhas traquinagens. Eu era o seu xodozinho, a Tetê, como era chamada por todos. E papai, confesso com todas as letras, tinha o seu jeitinho todo singular, às vezes, sério, mas ao mesmo tempo possuía uma simpatia inigualável aos demais familiares.

Lembro-me de que morávamos, no famoso bairro Planalto Paulista, em uma imensa casa, na qual pulava por deveras e escondia-me pelos quatro cantos com um imenso prazer. Adorava esconderijos... O meu predileto ou era debaixo da cama, ou no alçapão, meu maior deleite ao brincar de esconde-esconde com as pessoas.

E para cumprir com o prometido a você, que eu seria breve, finalizo com uma travessura que a todos deixei com os cabelos de pé. Pois, por essa reinação ninguém esperava e confesso que, por alguns instantes, também fiquei muito assustada com o ocorrido, enquanto buscava diversão. Juro que não foi intencional e sim acidental.

Em uma tarde ensolarada, por volta de umas duas horas, dirigi-me a papai dizendo a ele que iria brincar com as borboletinhas do lado de fora da nossa casa, onde morávamos por longas datas. E, assim, tive o seu consentimento. No entanto, no meio do caminho, mudei de ideia e fui em direção a um terreno baldio que ficava ao lado de nossa residência. Chegando neste terreno, deparei-me com enormes formigas a transitarem em plena terra vermelha ali existente, quando, sem notar, fui picada por duas delas. Assustei-me com a dor e as bolhas que surgiram em minhas mãos. Então, decidi colocar fogo no mato seco para defender-me das ditas-cujas. E o inesperado aconteceu... O fogo se alastrou invadindo a casa vizinha, de modo que todos, muito assustados, correram para conter aquela tragédia. Assim, fugi e me escondi no alçapão da casa com muito medo de tomar uma severa punição. Porém, papai ao me procurar e encontrar, e como sempre entendeu que eu nada fazia por maldade, explicou-me sobre as sérias consequências daquele ato impensado. Enfim, apesar de ter sido um momento difícil e muito pavoroso para mim, recordo-me com bastante carinho daquela época, porque tive a certeza de que sempre mantivemos uma profunda e inexplicável cumplicidade respeitosa que tanto nos unia.

Desse modo, Alejandra, peço desculpas pelas minhas delongas... mas, esse foi o período marcante da minha infância que decidi compartilhar com você. Espero ter contribuído para que se encoraje a escrever algo sobre as suas lembranças também.



Com o abraço fraterno da
Sônia.

